

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
UNAT-BRASIL
POS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

PERMISSÕES COMO RECURSO PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

**PERMISSÕES COMO RECURSO PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA**

PATRICIA MARTINS ALVES RODRIGUES

Uberlândia – MG

2013

PATRICIA MARTINS ALVES RODRIGUES

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

PERMISSÕES DE ACESSO ÀS RECURSOS EDUCACIONAIS

Patricia Martins Alves Rodrigues

Professora de Inglês no Instituto Tecnológico de Minas Gerais

PERMISSÕES COMO RECURSO PARA O ENSINO-

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

Uberlândia – MG

2013

PERMISSÕES COMO RECURSO PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

PERMISSIONS AS A RESOURCE FOR FOREIGN TEACHING-LEARNING

Patricia Martins Alves Rodrigues¹

Especializanda em Análise Transacional (FATEP/ UNAT-BRASIL)

RESUMO

Existem várias maneiras de se aprender um idioma. A aula particular tem sido procurada por pessoas que por várias razões não se sentem confortáveis em aulas em escolas de idioma. Neste contexto, observamos uma grande ocorrência de desistências dos alunos, que relatam frustrações quanto à sua capacidade de aprender a língua. Assim, esse artigo tem como objetivo discutir como a teoria do *Miniscript*, conceito advindo da Análise Transacional, pode funcionar como um recurso de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa em contextos de aulas particulares individuais. Assim, descrevemos como o professor pode representar uma figura importante no processo de aprendizado, dando permissões ao aluno que, ao substituir seus Compulsores, funcionam como disparadores de um circuito positivo de *miniscript* e podem influenciar no desfecho de seu processo de aprendizagem da língua. Discutimos as especificidades deste tipo de intervenção em educação, considerando, por um lado, os desafios que ela coloca e, por outro, suas potencialidades como recurso prático para o profissional que trabalha com ensino de língua estrangeira.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Análise Transacional; *Miniscript*.

ABSTRACT

There are several ways of learning a language. The private teaching has been sought for people who do not feel comfortable for many reasons in English schools. In this context, we have observed a great incidence of dropouts of students who report their frustrations related to their ability to learn the language. Thus, this article aims to discuss how the Miniscript theory, a concept from the Transactional Analysis, may work as a teaching-learning resource to the English Language in individual private classes contexts. So, we describe, how the teacher can represent an important figure in the learning process, giving permissions to the student who, replacing their working styles, act as triggers of a positive miniscript circuit and may influence the outcome of their language learning process. We discuss the specifics of this type of intervention in education, considering, first, the challenges it poses and, on the other hand, its potentials as a practical resource for the professional who works with the foreign language teaching.

Keywords: Teaching-learning, Transactional Analysis, Miniscript

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia
Professora Particular de Inglês
e-mail: patriciamartinsalves@hotmail.com

Vivemos em um mundo globalizado. Neste mundo, falar mais de um idioma tem deixado de ser um luxo exclusivo daqueles interessados em conhecer mais sobre outras culturas e tem se tornado cada dia mais uma necessidade: habitamos um mundo interconectado, em que as noções de distância se tornam cada vez mais relativas e somos colocados diariamente em contato com diferentes culturas, pessoas, interesses e informações. Neste contexto, em consonância a um processo histórico que marca a influência dos Estados Unidos da América em todo o mundo, a Língua Inglesa é o idioma prevalente em comunicações interculturais: precisamos saber falar Inglês para navegar na *internet*, para trabalhar na maioria absoluta de empresas brasileiras ou estrangeiras, para fazer parte do mundo acadêmico, para nos conectarmos com falantes de outras línguas que, sabemos, provavelmente têm também o Inglês como segundo idioma. A demanda é inacabável.

Nesta tarefa de aprender o Inglês como segunda língua, existem opções: há pessoas que optam por intercâmbios culturais; outros se esforçam para aprender a língua na escola regular; há aqueles que se juntam a turmas em escolas particulares; e ainda há pessoas que buscam a ajuda de professores particulares. Como esta variedade de opções sugere, não existe uma fórmula única e universalmente correta que preveja como o aprendizado da língua deve acontecer. Pelo contrário, ao entrarmos neste campo, nos deparamos com uma diversidade de conceitos e técnicas que direcionam nossa atenção ao processo de ensino-aprendizagem em geral (PIAGET, 1940; VYGOTSKY, 1925; AUSUBEL, 1963) e, especificamente, de línguas estrangeiras (CHOMSKY, 1960; NUNAN, 1989; WIDDOWSON, 1990).

Inserida neste contexto diverso, em minha prática como professora particular de Inglês um fato curioso tem me chamado a atenção: os alunos tendem a ficar em aula por um período máximo de um ano e meio ao que, com a intensificação e maior dificuldade da gramática, tendem a desistir do curso. Interessada neste fato, bem como buscando recursos para trabalhar de maneira mais efetiva com estes alunos – tanto de forma a melhorar a qualidade do período em que estão em aulas, quanto procurando diminuir a incidência de desistências em um período mais avançado do Idioma – tenho procurado entender como uma atenção ao processo psicológico do aluno pode ser útil para este trabalho. Neste sentido, encontrei na teoria psicológica da Análise Transacional (AT) possibilidades de atuação neste contexto. Buscando discutir estas questões, o presente artigo surge com o de objetivo relacionar o conceito de *Miniscript*, conceito advindo da AT, com a prática da aula de inglês e verificar se este conceito pode funcionar como um

recurso de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa em contextos de aulas particulares individuais.

Análise Transacional e a Teoria do *Miniscript*

A Análise Transacional é uma teoria psicológica desenvolvida pelo psiquiatra canadense Eric Berne na década de 50 e tem como foco a comunicação terapeuta-paciente em um plano de igualdade. Através de conceitos como: Estados de Ego, Transações, Posições Existenciais, Jogos Psicológicos, entre outros, essa teoria pode ser aplicada e adaptada para indivíduos ou grupos – clínicos, organizacionais e educacionais – uma vez que é uma teoria do comportamento humano.

Nesta teoria, destaca-se o conceito de *script* que, segundo Berne (1988), é um plano de vida pré-consciente, determinado de maneira não verbal, através do qual a pessoa estrutura planos mais longos de tempo. O *script* se fundamenta em ilusões infantis que poderão permanecer durante toda uma vida. *Scripts* são transmitidos por meio de injunções, ou seja, são comandos repetidos com frequência até que sejam inseridos na mente da criança.

Em relação a isto, o conceito de *contra-script* trata de uma inversão aparente do *script*, ou seja, o *contra-script* é um plano de vida provável fundamentado nos preceitos parentais que é determinado de maneira consciente e verbal (STEINER, 1971). Para Berne (1988, p. 107) “o *contra-script* determina o estilo de vida da pessoa e o *script* controla o seu destino final”.

Buscando ampliar o conceito de *contra-script*, a teoria do *miniscript*, desenvolvida por Kahler e Capers (1977), define uma sequência de não oquidade no comportamento do indivíduo e relaciona esse comportamento em um curto espaço de tempo com a decisão do *script* de vida. Quando nascemos, somos totalmente dependentes de nossas figuras parentais e eles podem estar em circuito de oquidade ou não. Psicologicamente, é como se todo indivíduo possuísse uma bateria, que pode ser carregada de forma OK (carícias positivas) ou de forma NÃO-OK (carícias negativas, desqualificação).

Segundo os autores, é preciso que haja carga na bateria da pessoa para que ela possa existir e, portanto, ela busca fontes positivas ou negativas o suficiente para carregar sua bateria. Dessa maneira, seria possível explicar porque o indivíduo aceita e incorpora tanto os compulsos, por meio de desqualificações, quanto os permissos, por meio de carícias positivas, perpetuando dessa forma seu modo de viver.

Os autores relatam que focaram nas injunções do *script* considerando-as como mensagens de como sentir ou não sentir e chegaram à conclusão de que existe uma sequência consistente no *miniscript*: o *contra-script*, em seguida a injunção do *script*, algumas vezes a Criança Vingativa (ou parte da Criança Adaptada que evidencia ódio, hostilidade e rebeldia NÃO-OK) e o desfecho do *miniscript* (sentimentos de rejeição, de não ser querido e de não ser amado).

O frenador é “uma injunção ou proibição de um *script*”, a injunção é uma proibição ou algum comando negativo de uma figura parental, a Criança Vingativa como sendo parte da Criança Adaptada que segue as diretivas parentais e o desfecho como sendo o destino final que determina a conclusão de um plano de vida (BERNE, 1988, p. 354).

Kahler e Capers (1977) consideram que existem dois tipos de *miniscripts*: o NÃO-OK e o OK. O *miniscript* NÃO-OK inicia com um compulsor e desencadeia uma sequência de não oqueidade. É dividido em quatro partes: compulsores do *contra-script*, frenadores (ou injunções do *script*), Criança vingativa e desfecho final do *miniscript*. O *miniscript* OK também é dividido em quatro partes: o permissor, o iniciador, a Criança Livre assertiva e a alegria final (desfecho final positivo).

No *miniscript* NÃO-OK estão as mensagens do *contra-script* que aparentemente convidam a pessoa a sair do seu frenador mas que, na verdade, fazem a pessoa ir mais fundo nessa injunção, como por exemplo, uma criança que recebe mensagens de “sinta-se inadequado” (frenador) que tem como compulsor de *contra-script* “Seja Perfeito”.

Existem cinco compulsores: Seja Perfeito, Seja Esforçado, Seja Apressado, Seja Agradável e Seja Forte. Os autores afirmam que os conhecendo e os identificando, a pessoa poderá decidir não estar sob a influência deles.

Sob a influência do compulsor “Seja Perfeito”, o indivíduo está sempre em busca da perfeição ou espera que os outros hajam da mesma forma. No Seja Esforçado, a pessoa sempre se esforça e convida o outro a fazer o mesmo, como por exemplo, pedindo para repetir uma pergunta, dizendo que não entendeu ou não respondendo diretamente. O compulsor Seja Apressado convida a pessoa a realizar tarefas apressadamente, falar rapidamente ou interromper as pessoas para que terminem uma fala. Ela acredita que precisa fazer tudo imediatamente. O compulsor Seja Agradável significa preocupar-se com os outros, sentir-se responsável por fazê-los sentirem-se bem, preocupar-se com o ser aceito, querido e aprovado pelo outro. Por último, no

compulsor Seja Forte, o indivíduo não demonstra emoção uma vez que acredita que mostrar o que sente pode ser um sinal de fraqueza.

Para cada compulsor, existe uma antítese, chamada de permissor. A permissão é uma intervenção que possibilita ao indivíduo, quando o mesmo se sente preparado e capaz, a ter um comportamento autônomo capaz de infringir qualquer injunção parental (BERNE, 1988).

Para o compulsor Seja Perfeito a permissão pode ser “É ok errar”; para o Seja Esforçado, “É ok fazer sem esforço”; para o compulsor Seja Apressado a permissão “É ok se dar tempo para fazer as coisas”; ao Seja Agradável é possível a permissão “É ok considerar a si mesmo e respeitar-se” e por fim, para o Seja forte a permissão de “É ok estar aberto e cuidar de suas necessidades”.

Kahler e Capers (1977, p. 67) consideram que, quando em terapia, o indivíduo pode conhecer a teoria do *miniscript* e optar por continuar no circuito negativo ou fazer novas escolhas para estar no circuito positivo. Afirmam que de posse dessa ferramenta, terapeuta e paciente podem explorar as partes positivas do *miniscript* com “mensagens reparentalizadoras selecionadas pelo paciente que conhece suas próprias necessidades” formando assim, “a especificidade dos seus permissores que são a antítese para os seus compulsos”.

O Miniscript e o Professor

Os objetivos da psicoterapia podem perfeitamente ser diferentes dos objetivos da educação, porém, os sentimentos de expectativa, antecipação, frustração e realização estão presentes na sala de aula assim como em um setting de psicoterapia. Emmerton e Newton (2004) acreditam que, estando atento às pistas não verbais dos alunos, em um primeiro momento, o professor pode lidar com esses aspectos de forma direta na sala de aula, através da observação atenta e da compreensão sensitiva do outro para melhor auxiliar o aluno a concentrar sua energia e atenção na tarefa de aprender. Em seguida, o professor pode ajudar o aluno a compreender mensagens que traz consigo de forma inconsciente e ajuda-lo a tomar novas decisões construtivas para que o processo de aprendizagem ocorra de maneira eficaz (Apud FRAZIER, 1971, p. 16).

Considerando o contexto da sala de aula particular, que representa para o aluno um local de confiança e segurança, o professor, de posse da teoria do *miniscript*, pode ajudar o aluno a entender seu comportamento face ao aprendizado de um novo idioma.

O aprendizado do aluno é profundamente influenciado pela relação que

estabelece com seu professor, que acaba sendo tomado de forma consciente ou não, como uma espécie de modelo.

Na interação com outro ser humano, o indivíduo vai formando e mantendo sua identidade e essa formação depende das relações que estabelecemos com as outras pessoas, inclusive os educadores (ARAÚJO, 2002). Portanto, a autora acredita que o educador precisa dispor de um perfil favorável, na medida em que há a possibilidade de ser tomado como modelo, e sua habilidade de estabelecer uma relação humana saudável com o aluno tem um papel importante no aprendizado uma vez que o professor pode também assumir um papel de *script* do aluno, pois funciona como potente figura parental (Apud TEMPLE, 1999).

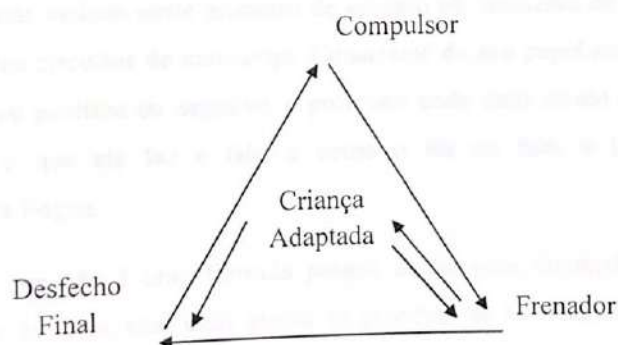
A proximidade e o contato direto com o aluno em uma sala de aula, podem ter um impacto positivo ou negativo sobre o aprendizado do aluno. Se por um lado, o investimento em uma relação de confiança e cuidado permitem que o aluno sintase cada vez mais seguro para falar daquilo que sente com relação à língua estrangeira, por outro, é comum ouvir relatos de constrangimentos sofridos em sala, sentimento de impotência comparando-se com colegas, resultados não satisfatórios nos teste aplicados em escolas de idioma, entre outros. Assim, entendemos que a postura do professor desempenha um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, devendo estar atento a estes modos de se relacionar.

Ouvir o aluno vai além de escutar as palavras; envolve a importância de ouvir seus sentimentos e compreender os significados que ele dá aos fatos, uma vez que o mesmo sente-se seguro para comunicar o que sente quando não tem medo de ser criticado. Uma relação amistosa e calorosa, na qual o aluno se sente verdadeiramente qualificado, pode ser especialmente bem sucedida e é possível encontrar em cada aluno características desejáveis, ao invés de exacerbar os seus aspectos falhos (LEMBO, 1975).

Uma das formas de aprendizagem é a aprendizagem por observação em que o aluno observa que o comportamento de outros pode ser punido ou não e a partir dessa observação modifica ou mantém sua conduta, dessa forma, o professor pode usar seu comportamento como forma de aprendizagem, seguindo padrões que possam ser adequados para o aluno (ARAÚJO, 2002). Segundo a autora, o calor humano do professor aumenta os resultados da aprendizagem do aluno, especialmente para aquele que se relaciona com o educador como se este fosse substituto dos pais.

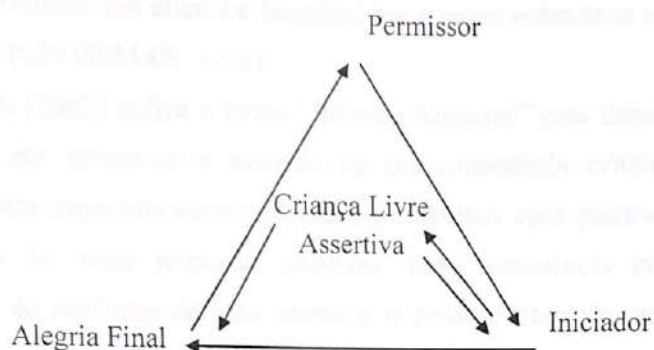
Assim, no contexto de aula particular, a relação do aluno com o professor se estreita e essa aproximação pode fazer com que o professor seja uma figura de fato significativa. Considerando que os compulsos e permissos vêm de figuras significativas para a pessoa, o que o professor fala e faz pode vir a transmitir tanto mensagens de compulsor quanto mensagens de permissão. Assim, o modo como o professor age em sala de aula e a qualidade da relação desenvolvida com o aluno pode realmente fazer a diferença e influenciar o desfecho final de seu *miniscript*.

Consideremos um exemplo de como esse processo pode ocorrer com a ativação de um *miniscript* negativo. Na sala de aula, o professor pode observar o comportamento do aluno baseado nos compulsos. Um aluno que tem o Seja Perfeito como compulsor, pode ter, por exemplo, um frenador como “não acredito que erreí isso outra vez”, seguido de uma fala de sua Criança Vingativa “não quero falar mais, só ler e escrever”, levando-o ao desfecho final que é “eu não aprendo nada mesmo, eu não vou conseguir. Se for para não aprender direito para que estudar?”. Um professor extremamente crítico e exigente poderia, neste caso, reforçar as mensagens do compulsor “Seja Perfeito”, contribuindo para um desfecho final NÃO-OK de abandono do curso e não aprendizado da língua.



Por outro lado, considerando o fator permissão como um elemento imprescindível em um ambiente educacional, e lembrando que ela é a antítese do compulsor, o mesmo professor, se comportando de maneira diferente, poderia ser fonte de mensagens de permissão para este aluno, disparando assim um circuito positivo de *miniscript*. Para o exemplo citado acima, a permissão para o compulsor Seja Perfeito pode ser “É OK errar” ou “É ok fazer mais uma vez”, gerando um iniciador que pode ser “vou fazer mais uma vez”, seguido de uma fala de sua Criança Livre Assertiva “já consigo entender ou me comunicar dentro do nível que estou”, levando-o à Alegria

Final que pode ser representada pela conclusão de uma etapa (nível) ou a não desistência da aula.



Sendo assim, percebemos que o *miniscript* de uma pessoa – funcionando em um circuito positivo ou negativo – e, portanto, seu sucesso ou insucesso na vida, estão diretamente ligados às suas relações com figuras significativas. Dessa forma, o professor de língua estrangeira, se investido em uma relação significativa com o aluno, também pode estar incluso neste processo de sucesso ou insucesso de alguém, baseado na ativação destes circuitos de *miniscript*. Consciente de seu papel como facilitador de um desfecho final positivo ou negativo, o professor pode estar atento a como se coloca nessa relação: o que ele faz e fala, e como o faz ou fala, é também parte da aprendizagem da língua.

É claro que não é uma fórmula porque existe uma dimensão espontânea da relação que não se forja, mas estar atento ao processo de se relacionar pode ser algo interessante para os professores interessados em serem permissores. Assim, podemos nos perguntar: como estar atentos a esse processo e buscar transmitir Permissões ao invés de reforçar Compulsões? Que tipos de investimentos podemos fazer na relação de ensino-aprendizagem? Como o contexto específico da aula particular pode facilitar este processo? Que desafios se colocam a ele?

O Professor Permissor

O professor pode atuar como um agente de motivação para o aluno. Todos têm, em sua vida pessoal, exemplos de mestres que conseguiram nos entusiasmar em relação aos conteúdos de sua matéria e nos estimular a alcançar o melhor resultado possível,

pois mostraram-se capazes de promover em nós a motivação para aprender. (ARAÚJO, 2004).

Um analista transacional educacional deve ter como objetivo oferecer potência, proteção e permissão aos alunos e incentivá-los a terem autonomia como aprendizes e como pessoas (CROSSMAN, 1976).

Temple (2002) utiliza o termo “fluência funcional” para descrever a habilidade do educador em promover o aumento de sua consciência evitando, dessa forma, comportamentos negativos substituindo-os por escolhas mais positivas que têm maior probabilidade de obter respostas positivas. Essa consciência está relacionada à sensibilidade do professor de estar atento a si próprio e também ao aluno. A autora considera que a fluência funcional é um assunto importante para educadores que precisam desenvolver suas capacidades de engajarem os alunos, conseguindo a atenção dos mesmos, entendendo suas dificuldades, fornecendo um ambiente seguro onde possa ensinar com entusiasmo e energia.

Para cada manifestação comportamental, Temple (2002) usa o termo “modo” para ajudar as pessoas a especificar seus comportamentos. Nomear cada modo facilita pensar nas características distintivas de cada um e também ajuda a identificar e entender comportamentos na sala de aula e planejar estratégias importantes para melhorar o processo ensino-aprendizagem.

Adotar um modo nutritivo em que o professor mostra compreensão diante da dificuldade do aluno ao invés de um modo meloso em que faz além do que deve e é indulgente, pode facilitar o processo de aprendizado. Segundo Araújo (2004) o modelo de Temple serve para a apresentação do professor capaz de fluência funcional de acordo com os modos positivos.

Em um ambiente de aula particular, em que a proximidade entre professor e aluno pode ser um fator determinante para a construção de uma relação significativa, é possível que o professor dedique um momento da aula para uma conversa a respeito de comportamentos repetitivos que observa naquele aluno. Através de indagações como “você já observou o quanto se cobra para não errar?” ou ainda “percebe como você valoriza pouco o que já conseguiu?”, o professor pode ajudar o aluno a refletir sobre esse padrão que parece ser uma constante, e auxiliá-lo a encontrar alternativas.

É importante notarmos que a teoria do *miniscript*, neste contexto, atua como uma forma de direcionar o olhar do professor, um convite à sensibilidade de engajamento nesta relação especial. Isso quer dizer que não há uma necessidade em si

mesma de que o professor explique ao aluno a teoria ou seu funcionamento. Como o ambiente de aula não é um setting terapêutico e o foco maior é o aprendizado do idioma, explicar a teoria poderia gerar certa ansiedade no aluno uma vez que o mesmo pode entender que existe a possibilidade de estar sendo analisado todo o tempo, e não é esse o objetivo desejado, ou seja, o aluno está em busca de aprender um idioma e não de terapia. Observar esta linha e equilíbrio entre a sensibilidade da relação e os objetivos pelos quais ela se constrói pode ser uma maneira de auxiliar o professor a participar de uma interação que seja sensível aos aspectos psicológicos do aluno, mas não perca seu foco do ensino da língua.

Outra questão importante à qual o professor particular deve estar atento neste contexto trata do tipo de permissão que ele pode ou deve dar ao aluno. Ele deve estar alerta para que não haja possibilidade de distorção da permissão transmitida, de maneira que o aluno não sinta que pode fazer aquilo que bem entender. Fazer o aluno refletir sobre seu comportamento, está relacionado à consciência que ele tem do que acontece no momento.

Eventualmente, o engajamento neste tipo de reflexão pode levar o aluno a dar também permissões a si mesmo. Um indivíduo consciente ouve as mensagens do seu próprio corpo, conhece seu mundo interior de sentimentos, sabe onde está, o que faz, o que sente a esse respeito, e ainda, estabelece contato com o outro, aprendendo a arte de falar e ouvir. A consciência está relacionada à autonomia que significa governar a si mesmo, decidir seu destino e assumir a responsabilidade por suas ações e sentimentos, e romper com padrões, que são irrelevantes e inadequados, para viver no presente (JAMES & JONGEWARD, 1979). Como exemplo de prática que favorece este tipo de reflexão, os autores citam um método japonês de auto-observação em que a pessoa observa suas experiências passadas, reflete sobre elas, e a partir dessa reflexão, completa a sua auto-reforma. Sendo assim, as permissões oferecidas pelo professor no contexto do ensino de língua estrangeira em sala de aula têm ainda a possibilidade de se ampliarem para outros contextos de aprendizagem e – por que não – da vida em geral do aluno, conforme ele se torne capaz de avaliar o que aprendeu sobre si mesmo ao fazer essas reflexões, gerando um circuito de auto-permissão e consequentemente um circuito positivo de *miniscript*.

Considerações Finais

Esse estudo permitiu vislumbrar o *miniscript* em sala de aula particular como sendo uma ferramenta de grande ajuda no entendimento dos processos psicológicos que envolvem o aluno. Isto pode auxiliar o professor na identificação de comportamentos que levam esse aluno a desistir do curso em um curto espaço de tempo. Destacamos o modo como a relação do aluno com o professor pode se estreitar e como essa aproximação pode fazer com que o professor seja de fato uma figura significativa na vida do aluno, possibilitando que ele transmita mensagens de permissão ao estudante.

Entendemos que o professor pode dar essas permissões sem necessariamente explicar a teoria do *miniscript* uma vez que o aluno o procurou para aprender a Língua Inglesa. Assim, na medida em que o trabalho é desenvolvido, por meio da oferta de permissões por parte do professor, o aluno vem a perceber que repete determinados comportamentos. Dessa forma, ele pode, aos poucos, começar a refletir também por si mesmo sobre esses padrões gerando um circuito de auto-permissão, optando por alternativas que o levem a resultados positivos. A partir destas compreensões, antecipamos a possibilidade de realizar estudos que contemplem este tipo de intervenção em outros contextos, como, por exemplo, em grupos ou em escolas de idiomas. Além disso, acreditamos que estudos empíricos verificando a aplicabilidade e eficácia desta intervenção, bem como visando seu aprimoramento para uso na prática cotidiana do professor, podem contribuir significativamente para a construção da Análise Transacional como uma ferramenta psicológica útil nos contextos de educação.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. (2002) **A relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem.** *Revista Brasileira de Análise Transacional* Ano XI, 2, P.53-P.79.
- AUSUBEL, D.P. (1968) **Educational Psychology: Cognitive View.** New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- BERNE, E. (1988) **O que você diz depois de dizer olá.** São Paulo: Nobel.
- CHOMSKY, N. (1968) **Cartesian Linguistics.** New York: Harper & Row

CROSSMAN, P. (1976): **Permissão e Proteção**. *Prêmios Eric Berne 1971-1977*. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda.

EMMERTON, N.; & NEWTON, T. (2004) **O percurso da Análise Transacional Educacional do seu início até hoje**. *Revista Brasileira de Análise Transacional Ano XIII e XIV*, 1, P.41-P.57

JAMES, M.; & JONGEWARD, D. (1979). **Nascido para vencer: Análise Transacional com Experiências Gestalt**. São Paulo: Brasiliense.

KAHLER, T.; & CAPERS, H. (1977) **O Miniscript** (pp. 56-81). *Prêmios Eric Berne 1971-1977*. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda.

LEMBO, J.M. (1975) **Por que falham os professores**. São Paulo:EPU

NUNAN, D. (1999) **Second Language Teaching & Learning**. Boston: Heinle & Heinle publishers.

PIAGET, J. (1953) **The Origins of Intelligence in Children**. London: Routledge and Kegan Paul.

TEMPLE, S. (2002). **Functional Fluency for Educational Transactional Analysts**.

Disponível em:

http://www.functionalfluency.com/articles_resources/Functional_Fluency_for_Educational_Transactional_Analyst_1.pdf

STEINER, C. (1971) **Script e Contra-Script** (pp. 11-14) *Prêmios Eric Berne 1971-1977*. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda.

VYGOTSKY, L. S. (1991). **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

WIDDOWSON, H. G. (1987). **Significance in Conventional and Literary Discourse** (pp. 9 - 21). In: Smith, L. (Ed.) *Discourse Across Culture*. New York: Prentice Hall.